



REVISTA AZUL



DIRECTOR PROPRIETARIO: JULIO PERNETTA—REDATOR: DARIO VELLOZO

Publica-se duas vezes ao mez. Os originaes remettidos á Redacção não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados. Assignaturas trimensaes: Capital 2\$000; Fora da Capital 3\$000. Pagamento adiantado.

Escritorio e Redacção: Rua Quinze de Novembro N. 17

SUMARIO

Nossos designios.	Dario Vellozo
Revista Azul	Leonecio Correia
Rosa Branca	Antonio Feijó
Da lingua portugueza	Cunha Brito
O grande circulo	Leonecio Correia
Guy de Maupassant	Coelho Netto
A Leonecio Correia	J. Tapitanga
Lyrico	
A viagem	Silveira Netto
Contraste	Luiz M. Oliveira
Tristeza	Dario Vellozo
Porque te amo	Antonio Braga
A nuvem	C. Mendes
O segredo da ventura	J. Richspia
Expediente	

REVISTA AZUL

NOSSOS DESIGNIOS

Ahi vae, adoravel leitora, o primeiro numero da *Revista azul*.

E' mais uma sincera tentativa em prol da sacrosanta cruzada das letras, mais uma esperanza lisongeira que confiamos á vivificante caricia de vossas purissimas afeições.

Sem ella, sem a protectora egide de vossa benevolencia, como fugaz illusão que se evapora, a *folhasinha* desapareceria muito breve, eterno amortalhada sob as esmagadoras neves do indeferentismo.

Sem ella, sem o suave luar de vossos olhos, como não vigora a magnolia branca dos tropicos sem os ardores do sol, a pequenina violeta de nossas ideas feneceria indubitavelmente, balda de seiva, mirrada pela ingratidão de vossa alma, fanada pela severa inhospitalidade de desillusão mais que amargosa e cruel.

Mas, não sereis insensivel á somma de nossos esforços; que a benignidade patriarchal de vosso caracter protesta vehemente contra o desolante marasmo do indifferentismo, e a vossa divina alma de artista preciza do delicadissimo cariz das letras para o sidereo borboletear de vossa vibratil organização feminina.

A *Revista azul* procurará sempre e sempre collocar-se á altura de vossas aspirações.

Ella não traz destraldado nenhum estandarte de escola, porquanto não admite o partidarisimo litterario; banindo tão somente de suas columnas o que fôr indigno de vosso finissimo criterio.

Emfim, em seo desenvolver progressivo, encontrareis mais positivamente a incontestavel verdade de nosso compromisso e toda a nossa gratidão para com as pessoas de quem merecermos o benigno acolhimento, lealmente solicitaço.

DARIO VELLOZO.

REVISTA AZUL

Azul? Azul como o que? Como o rigoroso e doce myosotis que a caule inclina ao desmaiar da tarde?

Azul como um sonho virgem de poeta?

Azul como um dia luminoso e cálido de verão em que o céu se curva como uma petala de violeta esbatida de sol?

Azul como a vossa alma angelica e pura de donzella, ó meiga e gentil leitora?

Azul, do azul ideal de uma caricia materna?

Azul como a visão serena do noivado?

Sim! azul como o olhar dulcissimo do Christo e como o virginal sorriso da Poesia! Azul como uma noite placida de luar, em que as estrellas riem com seo riso de prata e em que a lua, a melancholica sonhadora das alturas, parece o olhar fatigado de uma alma desgraçada....

Será, assim, azul, leve, delicada, subtil, espalhando flores e espargindo aromas....

Porém... azul é tambem o oceano, quando fustiga-lhe o largo dorso onduloso o guante terrivel do temporal desfeito?!

E ella, a *Revista Azul*, que como um prófugo e traquinas colibri, espanteará as azas celestes pela morna e perfumada quietude do vosso *boudoir* ha de ter, ás vezes, — quem sabe? — as cambiantes diabolicas e amargas das vagas cuspidas pelo mar....

Será quando, profanos e sacrilegos, os *genios* de carregação e de fancia polluirem o templo da Arte, pretendendo erguer o sagrado hostiario da Poesia.

Ah! e isso, porque o Ideal é a nossa vida e a nossa morte! Porque elle tem para nós outros, espiritos educados na escola do soffrimento obscuro, toda a doçura que encerra o riso da nossa bem amada e todos os mysterios desesperadores que soluçam nos braços de uma cruz erguida sobre uma sepultura!

Azul, do casto e suave azul de uma alvorada de Maio, deseja a *Revista* que sejam feitas as suas roupagens sonóras e rhythmicas; mas... si ahi está a duvida, a desolação, o tédio, a propria blasphemia a nos arrastar fatalmente para o leito de Procusto como uma enfermidade terrivel arrasta para o tumulto um organismo depauperado?!

Perdão para nós, pois, si pelo azul tranquillo e luminoso de nosso céu, o negrejar da aza de um corvo traçar, por vezes, uma epopea lugubre....

LEONCIO CORREIA

ROSA BRANCA

Sonho ou chimera!... Na illusão divina
Que ao mundo alado o coração transporta,
Aquella rosa pallida e franzina
Branca, tão branca, parecia morta...

Planta que o frio da existência inclina,
Pomba que foge ao seo paiz... qu'importa?
Sonho ou chimera na illusão divina
Branca, tão branca, parecia morta...

Mesmo acordado ou vendo-a com tristeza
Nas molduras do sonho ou da incerteza
Que a phantasia em pleno azul recorta,

Sempre na immensa dôr que me fulmina,
Aquella rosa pallida e franzina,
Branca, tão branca parecia morta...

ANTONIO FEIJÓ

PROGRESSO E DECADENCIA DA LINGUA PORTUGUEZA

Todas as cousas do mundo amoldam-se ás circumstancias de meio e tempo e por isso mesmo estão sujeitas ás vicissitudes de progresso e decadencia.

Assim as linguas que falamos: formam-se, desenvolvem-se, vão pouco a pouco se aperfeiçoando, enriquecem-se, chegam ao apogéo de desenvolvimento e consolidam-se por um certo numero de annos, mas assim como tudo obedece á lei da transformação, ellas abalam-se profundamente, passam por transformações radicaes, corrompem-se e até deixam de ser linguas vivas, como succedeu com o Sanscrit, com o Provençal e com o Latim.

Quereis saber como a lingua portugueza formou-se no começo do seculo XIII, como foi creando corpo no seculo XV e como se polio no começo do seculo XVI, epocha em que já appareceram obras notaveis pelo prurido e lavor da linguagem; mas, para boa concatenação das ideas, devo insistir sobre o assumpto.

O Latim foi a lingua dominante na maior parte da Europa Romana e é sabido que os Romanos serviam-se da sua administração civil, militar e judicial como poderoso meio de propagação perante os povos semi-selvagens que conquistavam e aos quaes uniam-se mais tarde fraternalmente pelos laços da civilização. E assim foi que se generalizou a lingua latina na Europa, porque os vencidos sempre acabavam por adoptar a civilização do paiz vencedor.

Na Hespanha a lingua latina predominou por mais de dez seculos, pois já durante a celebre batalha entre Cesar e Pompeio, isto é, meio seculo antes da era christã, toda a Hespanha obedecia ás leis de Roma e ali está a historia para attestar que as letras latinas floresceram brilhantemente naquella paiz, do reinado de Claudio em diante, sendo que os escriptores latinos mais notaveis desse tempo, Seneca e Quintiliano eram hespanhoes de nascimento e é bem de ver que a Hespanha não poderia dessa forma rivalisar com o estado de adiantamento e civilização da Italia, se a lingua latina não estivesse alli completamente generalizada.

A invasão dos Visigodos deo em resultado a corrupção completa da lingua latina na Hespanha e isto não é de suprehender porque aquelle povo rude, adoptando a lingua dos vencidos, não podia amoldar-

se ás exigencias nem respeitar conscientemente as innumerables combinações da bella lingua de Virgilio.

Dessa corrupção, grandemente agravada pela invasão dos Arabes na Peninsula, formou-se o castelhano e mais tarde o Portuguez, sendo que desta ultima lingua ha documento escripto no começo do seculo XIII.

E' esta a meo vêr a origem da nossa lingua, máo grado a opinião daquelles que dão-lhe uma origem celtica, opinião aliás inaceitavel não só porque oppõe se ás censuras quasi unânimes de todos os escriptores que se occupam deste assumpto, como ainda porque na nossa lingua muito poucos são os termos de origem celtica e é bem de vêr que a excepção não pôde constituir regra.

A historia nos attesta que a constituição da monarchia portugueza precedeo a formação da lingua, pois o 1º rei portuguez foi elevado ao throno em 1139 e as linguas q' ali se falavam eram o Castelhano e o Galego.

O grande poeta e prosador Almeida Garret nos diz que o primeiro monumento que possuímos da lingua portugueza é o Cancioneiro del rei D. Diniz, que começou a reinar em 1279.

Vê se desde logo que, estando a lingua nessa epocha em seus primeiros dias de infancia, a linguagem desse documento havia de ser forçosamente dura e aspera, pois não passava ella de um mixto informe do latim barbaro com termos godos e arabes.

Em todo o caso D. Diniz como que teve a verdadeira comprehensão do que viria a ser o portuguez e, publicando o seo trabalho, deo um bellissimo exemplo aos seus compatriotas, animando os e incitando os mesmo a imital-o.

Demais todas as cousas precisam de um começo para crescer e prosperar, e a lingua portugueza recebeu o seo baptismo no seculo XIII.

A historia não nos offerece subsidios exactos e satisfactorios para serem avaliadas as transformações progressivas porque foi passando a nossa lingua, lacuna esta bastante sensível e que nos priva de apreciar um phenomeno bastante curioso.

Assim, nos seculos XIV e XV, não encontramos dado algum que favoreça o nosso intuito, apenas depara-se-nos neste ultimo seculo uma medida de summa importancia e que correu efficaz e poderosamente para o rapido progresso da lingua em embryão. Essa medida foi o inspirado acto de D. João I, o regenerador da monarchia portugueza, tornando obrigatorio que todos os instrumentos officiaes fossem escriptos em vulgar, medida essa que, dando ao portuguez um cunho de lingua official, promoveo o seo desenvolvimento, e completa consolidação.

Essa medida produziu os desejados effeitos porque, 30 annos depois, já se encontram documentos escriptos em lingua mais correcta, que pôde ser comprehendida dos nossos contemporaneos, máo grado as phrases godas e mouriscas de que se acham taes escriptos recheiados.

Podemos sem medo de erro affirmar que o portuguez começou a desenvolver-se e a ficar expurgado das fezes que o compunham no começo do seculo XV, epocha em que floresceo Fernão Lopes, o pae da historia portugueza, cuja linguagem já era bem depurada.

Todos os escriptores dessa epocha, entre os quaes ha alguns de real merito, deram ás suas phrases a estrutura latina, o que demonstra que tinham aprofundado estudo dessa lingua.

O fim do seculo XV foi theatro de acontecimentos extraordinarios, que, elevando bem alto a fama e a

gloria de Portugal e Hespanha, mudaram a face do mundo.

Bartholomeu Dias atravessa o caboda Boa Esperança; Christovão Colombo descobre a America; Vasco da Gama a India e Pedro Alvares Cabral o Brazil.

E' patente a influencia que esses extraordinarios acontecimentos haviam de exercer sobre os destinos de Portugal, dessa terra pequena «que sempre ganhou palmas nos quilates do emprehendimento, que, *passando* as suas bandeiras soube intimar vassalagem ás mais indomesticas regiões, deixando, como exemplares da sua afouteza, mais de uma montanha vencida, mais de uma floresta perlustrada, mais de um rio transposto, se bem que não raro empégadas de sangue balizasse o itinerario de seus feitos, mas guiando com a destruição do gentio o opulento diario de suas descobertas».

Pois bem: Portugal desenvolveo-se, o seu commercio tomou proporções gigantescas, as suas descobertas assombraram o mundo, as suas armadas como que conseguiram dominar as iras dos mares, e com tamanhas conquistas de progresso, aperfeiçoou-se a lingua e floresceu a litteratura.

No começo do seculo XVI Portugal produziu homens de merecimento, que, em linguagem já aprimorada, em estylo castiço, cantaram os altos feitos e os heroes da sua patria.

CUNHA BRITO.

(Continúa)

O GRANDE CIRCULO

E como a alegria humana,
Tão mysteriosa e tão triste,
Tudo o que no mundo existe,
Tudo o que d' alma dimana.

De onde viemos? perguntamos;
E ainda outra amarga pergunta
A essa, já negra, se junta:
Para que mundo marchamos?

Emem ha livros nem sabios
— Ai! que afflictiva desgraça! —
Que a duvida satisfaça,
Que paira nos nossos labios.

Por tudo o mesmo mysterio
Nos cerca, e nos aniquilla:
Da estrella que ri tranquilla,
Ao verme do cemiterio.

Porque é que o mar se debruça
Pelas areias da praia?
E sendo forte — desmaia,
E sendo eterno — solta?

Porque no peito da rocha,
Aberto ao sol e á lua,
Nem um sorriso fluctua,
Nem uma flor desabrocha?

Porque, como numa festa,
Da rola o canto dolente,
Mais o silvo da serpente
Ha no seio da floresta?

Porque num leito repousa
Loura e formosa creança,
Se amanhã é uma esperança
No vacuo immenso da lousa?

E' eterno o amor? Seus arcanos
Vibra sempre a mesma corda?
Mas quem hoje se recorda
De quem amou, ha cem annos?

Do amor o sol tambem passa,
E, por entre estradas tortas,
Leva as esperanças mortas
Na procissão da desgraça.

Só existe um templo eterno:
O templo da dor... e nesse
A calma do céu não vê-se,
Mas vê-se a fúria do inferno.

Dor — é que todos sentimos,
Da dor a vida nos veio:
No pranto têm uns o esteio,
No espinhal outros, arrimos.

Todo o mundo — verme ou hymno! —
Como que forma o teclado
De um piano desgraçado
Cujo maestro é o Destino!

O mesmo turbilhão forte
Que nos envolve na vida,
Nos arrasta na descida
Que finalisa na morte...

LEONCIO CORREIA.

GUY DE MAUPASSANT

De todos os generos litterarios sendo, o conto o mais naturalmente popular é, por isso mesmo, o mais difficil quando se tenta o transporte para a pauta com a forma maneirosa e tocada que exige, momentaneamente agora, toda obra d'Arte — porque é preciso deixar transparecer, através do rendilhado, a ingenuidade e o accidente da vida real para que o leitor reconheça o sonho e a verdade etire das malhasmeticulosas do estylo o conceito, como no tempo infantil, ouvindo a berceuse de Bé, a ama, adormecia acompanhando a peregrinação da princeza ou a aventura do guerreiro. Lemaitre marca o oriente do conto em França; será audacia e muita, da minha parte, discordar do eminente critico, mas devo dizer, para resalva, que não me inspira a vaidade de querer refutar, este ou aquelle, externo uma opinião e será para mim motivo de ufania vel-a contradicta, porque de certo me virão proveitos e ensinamentos do que se disser em negativa ao que ousadamente atrevo aventurar.

O conto é um producto da lenda, como a fabula, como a ballada, como o romance — e a lenda é de origem popular; a tradição, que é um conjunto de lendas, é o documento oral, a historia contada da humanidade e dos deuses. O homem, na sua primeira manifestação de pismo, foi poeta — concentrou-se e meditou solitario, mais tarde teve a expansão e narrou. A primeira manifestação, toda d'alma, gerou; o phenomeno — vêr a estrella e sonhar, segunda manifestação, desenvolvimento do sonho, a fantasia gerou a lenda — e o desejo de transmissão. O primeiro pastor que viu Sirius estacou na montanha extasiado e adorou o astro e a luz que lhe entrava pelas pupilas, fez-se poesia em sua alma como mais tarde havia de se fazer oração no espirito dos mysticos, mas, narrando o episodio syderal, o pastor accrescentou á visão dos seus olhos imagens que lhe haviam ficado na alma depois do extase. O espirito

resente-se das emoções e ha esterilidades que desapparecem com um jorro de lagrimas, com uma dôr violenta; a muitos basta a noite de uma saudade para que produzam. A primeira sombra reflectida na agua de um corrego sereno quem sabe se não se deve a lenda das nayadas aquaticas? A Poesia é a manifestação primeira da alma humana—o coração marca o rhythm da estrophe e o verso resume e canta.—O poeta creou o monologo que é a forma do arruibo: a palavra do ser ao desconhecido; o conto é mais humano e mais communicativo — é a humanidade em communhão. A Poesia tem o ideal no absoluto, o canto vem do absoluto para o real. Foi a Poesia que poz os deoses no céu, foi a lenda que trouxe os deoses á terra—o conto aproxima os homens. Os primeiros agrupamentos, em torno do fogo vigilante, foram constituídos pelo chefe do clan, guerreiro e propheta, que ao mesmo tempo, commandava na guerra e na paz, narrava os episodios dos que haviam passado, homens e divindades.

Na tragedia, no poema antigo, apparecem, de quando em vez, pequenas narrativas—é o conto intercalado no grandiloquo, donde, entretanto, se destaca, cheio da essencia epica como a Venus saindo do mar granlioso, molhada de espumas, com os cabellos emmaranhados de algas. Em Eschylo, na tragedia *Os persas*, a narrativa do correio que comunica a Atossa o desastre da expedição de Xerxes é uma exposição, dirá a critica; eu recolho-me á minha teima e insisto: todo o conto é uma exposição, toda a exposição pôde ser um conto. Nos poemas mythicos da India o vasto fabulario que nelles ha pôde, sem esforço e sem prejuizo, deslocar-se do bloco entrando para a galeria da lenda, da fabula, da xacara, que são os ancestraes do conto moderno. O homem, no cyclo do mysterio, foi fantasista. A humanidade, para atravessar a grande noite da primeira idade, fez o longo serão do pavor, donde nos vieram os mythos religiosos e os grandes assombros do anthropomorphismo. A fabula nasceo no Paraiso — o peccado, escripto no Sepher mosaico, é o barro donde se extrahio o primeiro conto. Elle tem a universalidade da alma—Para que houvesse o conto bastava uma palmeira de sombra, um rancho de nomades e um sonhador e logo as aguas cantantes inspiravam, um raio de sol, um nimbo de luar, a ave que vôa, a folha que cae, o sussurro do bosque virgem, o chofrar da corredeira precipitada e bravia, qualquer coisa bastava ao narrador do deserto e assim nasceram as lendas iranianas de Indra e das apsaras, o iris como o arco divino retesado de polo a polo no céu azul, frechando raios.

Todos os mestres, a partir de Boccacio, para não recuarmos, que fizeram senão um trabalho de aperfeiçoamento de moldes? A *maniere* do autor do *Rouxinol* já Apulêo usara no Asno de ouro e os fesceninos, em Roma, nos improvisos. Os bardos, os scaldos, os minsengers, os troveiros e os trovadores encheram toda a Europa medieval de lendas e de cantares — quem os ouvia guardava de memoria as aventuras e nos castellos e pelos casaes, nas eiras e nos torreões, pagens, senhores, rusticos e guerreiros revesavam-se contando as magias do Oriente e as balladas dos rios e dos montes cheios de ondinas e de willis palidas.

As formas foram modificadas, o conto teve um periodo de estagnação até o apparecimento dos mestres que sahiram a compor os cantos populares, Per-

rault que trouxe da nevoa o fecrismo, Lafontaine que reviveo a fabula e a novela indo ás mais remotas edades explorar o farnel da Esopo ou rebuscar nos poemas, como Joconde que elle tirou ao canto XXVIII do Orlando Furioso:

«Donne, e voi che le donna avete in pregio,

Per Dio, non date a questa istoria orecchia, etc.»

A França adoptou o genero que se casava bem com o espirito dos seus poetas, e foi a musa gárrula do Meio-dia que melhor perfilho o lendario; e essa flor da fantasia e do sonho em que solo melhor desabrocharia do que nesse da Provença visionaria onde o mais simples tamborineiro é um poeta, onde o mas, ao luar, torna-se em circulo de trovadores?

O canto gaulez, feito da al-gria estardalhante dos que vinham puros da raça dos deoses que sabiam rir, essesim, esse pertence inteiro á França—foi Rabelais quem se encarregou de esculpir na sua obra synthetica que é, por assim dizer, a alma veneranda e alegre da Gallia, obra de caricaturas colossaes, monstros de humorismo, titans da satyra, Pantagruel e Gargantua as duas cariatides que sustentam sobre os hombros formidaveis todo um cyclo litterario, toda uma epocha de ironia, de espirito e de renascimento... Mas ficae na gauloiserie que o conto e a estrophe, Lemaitre, nasceram das primeiras impressões humanas e deixae que eu diga em remate, podem ser chamados—A dão e Eva da litteratura.

COELHO NETTO.

(Continua).

A L. CORREIA

Passei o dia em casa de um poeta,
Lendo com elle muita cousa prima...
E o azul que a luz da inspiração marcheta,
Passou-me n' alma, ao gorgear da rima.

Mas de tudo que li, a mais completa,
A poesia que tudo mais sublima,
Não li nos livros! leu-a, indiscreta,
Minh' alma; e não ha verso que a exprima!

E' que o poeta tinha mãe, e eu vil-ós,
Ello e Ella beijaram-se tranquillos,
N'um encanto de luz que o ceo affecta!...

E eu que tenho Mãe, e que me extrema,
Disse, fitando-os: — «E' o maior poema
De quantos li em casa do poeta!...»

J. TAPITANGA.

34 - 7—93.

LYRICO

Par a noticia critica de uma companhia lyrica, principalmente quando esta já teve desempenhado diversas operas, é trabalho afanoso e que demanda bastante espaço, razão pela qual nos limitaremos a dar, em traços geraes, a impressão que nós ficou das operas cantadas.

A Companhia Cassone, que estreou com a *Aida*, a valente opera que Verdi creou para fazer *pendant* á *Africana* de Meyerber, e desempenhou successivamente o *Ernani*, *Rigoletto*, *Traviata* e *Trovador*, é incontestavelmente a melhor companhia que tem vindo a Coritiba.

Não queremos com isto significar que ella não se resinta de defeitos; ao contrario ella os tem, mas de tal natureza são elles que não podem ser exprobados pelo publico, que não tem o direito de exigir, ao preço de 4\$000 a cadeira, musica melhor cantada do que tem sido na presente temporada.

As principaes figuras da companhia são boas, algumas dellas excellentes.

A Sra. Cartocci é a melhor soprano que tem vindo a esta cidade. Dotada de uma voz sonora, limpada, extensa e firme ella sabe modular a a todas ás exigencias do canto, ainda as mais difficéis.

Todos os papeis que tem desempenhado, notadamente o de Aida, ella o tem feito de modo a satisfazer completamente o publico, que não lhe tem regateado applausos.

A Sra. Mugnaschi, já nossa conhecida, comquanto dotada de uma voz algum tanto cansada, é uma cantora conscienciosa, que desempenha proficientemente as suas partes e canta com apurado gosto e correção.

O tenor da companhia, o Sr. Bersani dispõe de uma voz cheia, melodiosa e que agrada, sendo realmente para lamentar que, naturalmente por indisposição, não tenha ainda podido cantar com successo uma unica nota aguda.

A companhia conta dois barytonos—os Srs. Baracchi e Forti, ambos bons cantores, notadamente o Sr. Forti, que dispõe de uma voz vigorosa e bem educada.

O baixo, Sr. A. Mori, é um artista de real merecimento. Possuidor de uma voz potente, elle canta com garbo e sempre senhor do seu papel.

O coro de homens não é mau, mas o das mulheres é simplesmente detestavel pela união hybrida de vozes cansadas e desafinadas.

A orchestra é fraca, porem obedece com brio a perita batuta do maestro Sr. Arturo Cassani.

O corpo de baile é pequeno, porem, conhecedor dos segredos da arte de Terpsicore.

Os espectaculos têm sido regularmente concorridos, e os principaes artistas muito applaudidos.

Que a companhia continue a fazer successo eis o que desejamos.

A Viagem

I

A VESPERA

No dia 31 de Outubro de 1892 estavam em preparativos de viagem.

Que ancia e que tristeza!

O panorama ideal das estradas e florestas passava-me na mente, como a recordação agradável de um idyllo das quadras mortas.

Cruciava-me a lembrança de ficar tantos dias, tão longos dias e nostalgicos, bem longe, por certo, deste pequenino pedaço de mundo auroral aonde limita-se o universo da minha vida porque nelle é que existe a atmosphera da minha alma:—o amor!

Com estes dois elementos da emoção a chocarem-se no meo intimo, passei o dia todo.

A noite, que noite calma!...

O céu como um zimbório enorme recamado de estrellas, a olhar como Argus para o movimento da cidade que pouco a pouco esmorecia.

O longinquo ladrar dos cães, o tropel surdo de cavallos, notas soltas em melodias d'algum teclado eburneo, como um cantico de saudade, formavam uma harmonia tristissima de nenia que subia da terra adormecida.

A' noite, como um precito que vae deixar a luz e a liberdade, fiz a despedida que mais de perto sensibilisa-me.

Encontrei a Ella já dominada pela melancholia—crepusculo do coração—e nós ambos, extaticos e pensativos, n'uma effusão d'amor, apertámos as mãos como um signal divino de respeito e de sinceridade.

II

A PARTIDA

Apoz aquella despedida em que dissémos tanta cousa na mulez sublime dos nossos olhos, fui entregar-me aos braços de Morpheo, o pretillecto filho do somno.

Roupeo a aurora do dia vinte e dois de Novembro.

Manhã clara e alegre como uma juventude feliz; o barulhento rodar dos carros casava-se com o harmonioso chilrear dos passarinhos, communicando á alma humana a expansiva alegria que se espalhava por toda parte como a luz do sol.

Como o meo bahú estufado de roupa e diversos objectos necessarios á viagem eu espera inquieto e pensativo a hora marcada em que, saudoso, deixaria por algum tempo esta cidade.

Mettido n'um sobretudo leve e de côr parda; côr agradável, o meo termo entre o claro e o escuro, entre a luz e a treva, como a vida humana: um pouco de luto e um pouco de prazer; n'esta maneira, o tilintar dos fiadores e o tropel da cavallhada ligeira annunciaram-me a chegada do carro.

Depois de embarcar a minha bagagem, despedi-me da familia, essa unica sociedade a que podemos confiar a pureza crystalina dos nossos sentimentos; porque n'ella a hypocrisia, se acaso poder entrar, o fará como um salteador n'um templo: muito sorrateiramente e arriscada a fugir espavorida.

Despedi-me e embarquei apertando a mão do Philinto Braga, meo companheiro de commissão e ao Maneco de Andrada, nosso companheiro de passeio.

Meio abalado por um mixto de pensamentos tristes e risinhos; como que tendo a minha vida psychologica toda preza, toda attrahida para alem; a ouvir o fraco rebater das rodas no macadam, senti desprender-me de alguma cousa que já me dava saudade.

O carro tinha partido.

III

A PARTIDA

(Continuação)

Depois de accomodado no carro, já um pouco distante de casa, tomei um charuto, eu só, porque os meos companheiros de viagem não fumavam, e começámos a palestrar, vendo a cidade fugir ligeiramente para traz.

O carro sempre a rodar.

Esquines, casas, portas, vitrines, tudo passava ante os nossos olhos vertiginosamente como que a dar, em um relance de vista, o ultimo adeos de despedida.

O Philinto, moreno, de bigodes e cabellos pretos, oihar esparto, com o seo vestuario fresco, em uma sem cerimonia elegante, recostado no fundo macio da carruagem, falava com referencia ao lugar para onde iam.

O Andrade, alto e pallido, com a barba preta meio crescida, oculos quasi escuros, ouvia attento as nossas prezas, dando apartes de quando em vez, ou forjando quieto alguma pilheria com que depois nos delectava.

Na rua Commendador Araujo paramos para recolher ao certo mais um companheiro, de nome Adelio e continuamos.

Em pouco tempo chegamos ao Batel, adiantado suburbio da capital onde a industria tem feito um pequeno e desenvolvido nucleo de trabalho.

Consistindo este lugar em poucas habitações espalhadas e duas fileiras de casas que margeam o prolongamento da rua Commendador Araujo, elle ja mostra ao viandante fabricas diversas, que constituem a força de suas arterias.

A principal dellas é sem duvida o engenho de beneficiar herva-matte, propriedade do activo industrial Barão do Serro Azul.

O matte é a nossa maior fonte de exportação.

Segundo L. Couty, a produção d'elle no Paraná é superior a da Republica do Paraguay.

Nota o mesmo escriptor que Saint-Hylair havia assimilado completamente o *ilex* do nosso Estado ao do Paraguay e o botânico Miers destacou uma especie no Paraná, o *ilex-Curitibaensis*.

Alem do referido engenho ve-se a xarquenda Wyher-, que prepara presuntos, oleo de banha, conservas de carne, etc., uma fabrica especial de sabão e velas, diversas barricarias e casas commerciaes.

Dapois de havermos dirigido um rapido olhar de satisfação para taes elementos de progresso, partimos pela estrada allora deixando os ultimos vestigios da capital e começando a entrar nas brumas da saudade.

(Continúa)

SILVEIRA NETTO.

CONTRASTE

Dirás ao ver me entrar:—Jesus! como vem feio! Quão triste traz o rosto! e o gesto! e o meigo olhar! Que mudança elle fez em tudo! Só não creio Mudasse o coração, pois ouço-o forte a arfar.

Ea, entrando, direi:—Oh! cêos! como inda é bella! Conserva a mesma graça e a mesma perfeição! O mesmo gesto lindo e o mesmo olhar de estrella! Só não conserva—a ingrata!—o mesmo coração.

LUIZ M. DE OLIVEIRA.

TRISTEZA

Manhãs humidas de Agosto.

E deixo-me ficar melancolico, fitando os longínquos ceos azues, desmaiados, como enorme saphyra facetada envolta em delicadissima pellicula transparente.

E deixo-me ficar memorando os venturosos dias adoraveis de minha alegre infancia descuidosa.

No mesmo rubro cadinho do coração palpitante destillo os soturnos prantos magoados de hoje,—como,

destillava outr'ora os innocentes, balbuciantes idylls de fugaz innocencia sonhadora.

E deixo-me ficar, nostalgicamente, assimilando emoções, contrastando desoladoras perspectivas exquesitas da vida de hoje, do vegetar de hoje, do martyrio de hoje,—enorme cahos lutuoso das aspirações irrealisaveis, dos esmagadores sonhos impossiveis; herculeo pugilato degradante do louro ideal irrequieto e da negra realidade esmagadora!.

Eterno impossivel; doloroso impossivel!

E deixo-me ficar nostalgicamente, silenciosamente, do soturno tugurio de minhas noites sem estrelas, fitando a pallida lua da saudade infinita,—como, do espesso rend lhado de lianas das florestas virgens, contempla o bravo jaguar sanguinolento o enregelado rosto merencorio da siderica Diana inspiradora....

DARIO VELLOZO.

PORQUE TE AMO?

Porque a um sorriso teu, outro sorriso
Vem-me aos labios, provoca-me desejos,
E sonho que a tua bocca é um paraíso,
Onde são fructos rubros os teos beijos.

Te amo, porque coras me fitando
E occultas-me teos pés tão pequeninos;
Te amo, porque és bella e vivo amando
Olhos formosos, labios coralinos!

ANTONIO BRAGA

A NUVEM

Olhos semi-cerrados, eu fumava, estendido na relva, voltado o rosto para o ceo, g zando delicioso lethargo, quando se não dorme ainda, mas se sonha já. Enchera meo cachimbo, não com tabaco de França ou do Oriente; porem com as minhas recordações e esperanças, com os beijos de hontem, com os de amanhã; e de todos meos sonhos, dos que se não realisaram, dos que se realizarão, talvez, e da minha alma, sempre obstinada às chimeras. E do cachimbo se evoluva subtil fumaça, que subia, subia, expandindo-se, vaporizando-se, desaparecendo.

E eu murmurava commigo: «Eis, pois, a que se reduzem meos sonhos!» Depois, melancolicamente, rendi-me ao somno, adormeci.

Quando reabri as palpebras, o ceo, aurificado pelo sol, reverberava triumphantemente; pelo azul limpido, nuvens de ouro e purpura se elevavam graciosas. Chamou me a attenção a menos magnifica, um pouco rosada, um pouco pallida, quasi branca, e que as outras muito mais veloz. Subia docemente, resolutamente. Com os olhos e o pensamento acompanhei-a em sua ascensão para as glorias paradiziacas do sol; e amava-a, amava-a, porque comprehendia, porque sabia que aquella nuvemzinha gerara-se da fumaça de meo cachimbo, da fumaça do cachimbo em que eu deitara minhas recordações e minhas esperanças, meos sonhos, toda minha alma!

CATULLE MENDES.

O SEGREDO DA VENTURA

(JEAN RICHPIN)

Era uma vez um rei e uma rainha muito bons e muito sensatos, que tinham uma unica filha, uma princeza muito bella e adoravel. Elles tambem amavam-na ternamente e tomavam a peito que ella fosse a pessoa mais feliz do mundo, assim como era a mais perfeita. Quer isto dizer que se viram embaraçadissimos quando a princeza chegou á idade de casar.

Reflectiram muito tempo, muito tempo, antes de fixar a escolha sobre os imprescendiveis signaes, que lhes dariam a conhecer o genro que sonhava.

Queriam-n'o joven, bello, louco de amor, o que seria facil e elles não dispensavam porque se recordavam quanto, ellas proprias, se tinham outr'ora encantado, um do outro, no seo mutuo abril. Entretanto, sendo sensatos, sabiam que *isso não faz a felicidade* e queriam, precisamente, dar á filha um esposo, que lhe assegurasse uma felicidade perfeita.

Mas em que consistia essa felicidade? Reflectiram ainda, muito tempo, muito tempo.

A rainha, que era gulosa e entendida em cozinha, ensinou um dia:

— Não crês, meu querido esposo, que o emblema da ventura seja um prato do qual nunca a gente se aborreça?

O rei, que não desprezava os bons petiscos, respondeu:

— Talvez, querida, com a condição de regar esse appetecivel prato com uma bebida preferivel ao proprio vinho.

E como ao envelhecer elle se tornara um pouquinho avaro, continuou suspirando:

— Comtanto, bem entendido, que tudo isso fosse *gratis*!

A rainha que tinha tidosempre uma alma poetica, acrescentou:

— Principalmente se, á sobremesa, se cantasse uma bonita canção.

Subitamente o rei tomou um ar inspirado e exclamou alegremente:

— Achámos, achámos, minha adorada mulhersinha. Sim, sim, é isto mesmo. Será nosso genro o homem que realisar, para a nossa filha bem amada, tudo o que acabamos de dizer porque nós definimos a felicidade completa sem saber o que fazíamos.

— Não comprehendo, interrompeu a rainha.

— Deixa-me, deixa-me minha cara, não me perturbas agora, que eu vou redigir uma proclamação.

Vaes ver!... Ah! não esqueceríamos nada? Sim, sim, esquecemos, é preciso tambem que esse genro tenha firmes principios sobre a educação das creanças. Com mais isto e o que dissemos, ficará completo. Que alegria, minha esposa, que alegria!

E o bom rei poz-se a dançar; depois beijou a rainha, estupefacta. Finda esta expansão, retirou-se para o seu gabinete de trabalho e redigiu a sua proclamação.

No dia seguinte, um arauto, precedido de trombetas e timbales, cavalgava pela cidade e, em cada encruzilhada, desdobrava um grande pergaminho e lia o seguinte:

« A todos os meos bons e leaes subditos, eu, o bom rei, faço saber que minha filha unica, a mais maravilhosa princeza do mundo, se unirá em justas bodas, amanhã, ao meio dia, com aquelle (seja qual

for a sua origem, contando que seja joven, bello, valente, apaixonado e amado por ella,) que trouxer a minha sobredita filha querida o segredo da ventura e para isso entendo obter respostas ás perguntas que ahí vão:

Qual é o melhor alimento, do qual ninguem se farta?

Qual é a bebida preferivel ao vinho mais delicioso?

Qual é o meio mais seguro de não dispendar as riquezas?

Qual é o verdadeiro methodo para bem educar creanças?

Qual é a mais bella de todas as canções?

Tal é a alegre nova, que nos meos bons e leaes subditos, eu, o bom rei, faço saber. »

A esta proclamação não ouva mais que um grito de entusiasmo em todo o reino. Os enamorados da princeza contavam-se por milhares, tão bella era! Para melhor dizer, todo o povo estava d'ella enamorado. E principiou cada qual a esperar ser o vencedor!

Mas depressa, depressa, é preciso apressar-se a gente em achar as respostas. Amanhã!

Um minuto depois as ruas e as praças estavam desertas.

Retiraram-se todos ás suas casas para reflectir.

Os que julgavam possuir alguns dos segredos, temendo que lhos arrancassem antes do tempo, aferrolhavam as suas portas, entrincheiravam-se contra a curiosidade das mulheres perguntadoras. Alguns amordaçaram-se, tanto se sentiam possuidos da vontade de falar.

Os mais orgulhosos, os mais seguros de si, eram os que sabiam que passavam por mestres em alguma das especialidades mais particularmente em questão.

E diziam consigo:

— Oh! Na minha arte não duvido triumphar! O resto nada é. A minha arte é tudo.

Apezar d'isso, enquanto cada qual se occupava em provar a si proprio a excellencia do que sabia, não pensava senão em imaginar soluções para o que não sabia. Os cozinheiros diante das suas fornalhas, os pastelheiros enrolando os seus folhados, os confeitheiros com o nariz sobre as suas *compotas*, os vinhateiros com a mão na sua catimplora, sonhavam com a escripturação mercantil ou com pedagogia. Os mestres de escolas e os philosophos buscavam eremes eneditos, almondegas imprevistas, ineflavéis bolinholos. Os poetas e os musicos rythmavam o « Deve e Haver » a cantareolavam a *arte de Aproveitar as sobras*. »

Durante este tempo, a princeza, a quem tinham occultado a proclamação do pae, não suspeitava que toda a nação concorria para fazel-a feliz. Dormira tranquillamente durante a noite, que precedera o dia fatidico. Levantada muito cedo, como convem a uma princeza virtuosa, tinha ido, sozinha, atravez do grande parque, com os pés no orvalho e os olhos na aurora.

Meio dia souu, enfim, no relógio do castello.

— E esta! que significa isto? disse o rei, apparecendo com a rainha a sua sacada. Parece que não está viva alma na praça.

— E' verdade, respondeu a rainha, se fossemos ver pela cidade?

— Vamos, disse o rei.

Desceram, e encontraram, com effeito, a praça do Castello, assim como todas as ruas e praças, absolutamente vazias.

A cidade tinha o aspecto de uma cidade morta.

— Se nós entrássemos nas casas, perguntou a rainha?

— Entremos, respondeo o bom rei.

Nas casas o silencio era medonho. Por toda a parte gente absorta com a cabeça entre os punhos fechados, reflectia.

E, enquanto os cosinheiros, pastelleiros e doceiros, continuavam a buscar o inachavel meio de não dispendier as riquezas, ou de bem educar as creanças, azedavam-se os molhos, ficavam em carvão as brioches, derretiam-se as compotas.

E, enquanto os banqueiros rimavam, os ladrões levavam-lhes as burras.

E, enquanto os poetas e os musicos queriam tranformar-se em Caremes e Baremes, as aranhas tinham tecido teias nos braços dobrados dos scismadores e os ratos tinham roído as cordas da tripa dos seos violinos. Os mestres de escola deixavam fugir os galopins, que tinham vindo introduzir cachimbos de papel nas boccas dos philosophos.

Emfim, em todas as adegas os vinhateiros absortos haviam deixado abertas as torneiras das suas pipas e quartolas e olhavam estupidamente para os vinhos deleitaveis, que ensanguentavam o sólo.

—Ai! que miseria a nossa! exclamou o bom rei. Para que pedi eu a esta pobre gente o segredo da ventura?

—Ai de nós! insinuou a rainha, talvez que esse segredo não exista.

Voltaram tristemente pelo caminho do castello e ambos choravam pensando, que sua bem amada filha não teria nunca o marido, que desejavam para ella...

Quando iam chegando ao grande parque, viran-n'a que voltavam do seo passeio, e corria para elles muito alegre.

—Ah exclamou ella abraçando-os, que manhã deliciosa passei!

—Conta-nos isso, disseram o rei e a rainha.

E ella contou-lhes isto:

Lá em baixo, muito lá em baixo, na orla extrema da floresta, ella tinha encontrado um joven bohemio dormindo em baixo de uma arvore.

Elle tinha acordado e dissera-lhe:

—Como tu és bella!

E ambos haviam principiado a colher flôres e a correr atraz das borboletas. Muito tempo vagaram assim.

Caminhando, o joven bohemio cantava. Havendo encontrado um bando de creanças que gazeavam, ensinou-os a dançar uma ronda cujo estribilho era o seguinte:

«Correi jovens, correi, a brincar, a saltar. Tudo o que apprendereis, vos virá pelo olhar. Jovens, loucos, sereis velhos sabios, sem par.»

Então veio um lobo e as creanças fugiram. Mas o joven bohemio correu ao encontro da fêra, agarrou-a pela guella e gritou-lhe ao ouvido:

«Por quem me tomas tu, lobo cerval?

Eu tambem tenho garras, animal!»

E o lobo foi-se, meneando a cauda, como um cão que encontra o dono.

Depois, como ella estivesse cansada por ter corrido muito, sentou-se, dizendo:

—Que pena não termos aqui com que fazer um jantarsinho!

—Aqui temos com que, tinha respondido o bohemio.

E havia tirado do seo alforge uma codêa de pão, depois em um cartucho feito com a folha de um exemplar, foi bu-car agua limpa a uma fonte. Nunca em sua vida a princeza tinha comido e bebido nada melhor.

—Porque? tinha ella perguntado ao joven?

—Porque tens fome e sêde, respondera-lhe o bohemio.

Depois cantara a canção romaica que diz assim:

«Se sentes aspera a garganta
Deves achar a agua mais pura,
Pois mesmo amarga, é só doçura
Que é de tua mãe lagrima santa»

Encantada com aquelle bom repasto, commovida com aquelle canção, ella quiz dar a sua bolsa ao bohemio. Mas elle recusara.

—Sim, sim, tinha ella dito; toma e guarda isto. Podes vir a precisar.

—Não, disse elle; o unico meio de guardar bem isso, é não o ter.

Elle tinha então dado á princeza um longo beijo e tinha fugido a rir. Ella tinha tornado a chamal-o, para que elle canta-se ainda uma das suas canções.

—Qual? perguntou elle de longe.

—A mais bella.

—A minha mais bella canção, respondeo elle é a que eu fizer amanhã, e que ainda não conheço.

E dessa vez tinha desaparecido para sempre. Mas a princeza não estava triste porque nunca, esqueceria nem este encontro, nem aquella refeição, nem aquellas melodias de passaro, nem aquelle beijo!...

—Ah! minha querida mulher, exclamou o bom rei, saltando ao pescoço da rainha: bemdito seja Deus! Achámos emfim o nosso genro.

—E' verdade, meo querido marido, replicou a boa rainha beijando o rei.

Depois, ambos, anciosos, voltando para a princeza:

—Disse-te, ao menos, o seo nome?

—Sim, meos amados paes.

—E qual é?

—Chama-se —Aquelle que nunca volta.

ADELINA AMELIA LOPES VIEIRA.

EXPEDIENTE

Os Srs. Collaboradores da *Revista Azul* assignarão sempre os seos artigos.

Os artigos não assignados ficam sob a responsabilidade directa da Redacção.

Caso a *Revista Azul* suspenda a publicação antes de expirado o praso das assignaturas, será pelo Director restituída aos Srs. Assignantes a importancia concernente aos mezes restantes.

Por conveniencia do serviço, a cargo do Director, as assignaturas serão cobradas até Dezembro do vigente anno.

Serão consideradas assignantes da *Revista Azul* as pessoas que, recebendo o presente numero, nos fizerem o obsequio de não devolve-lo.

Typ. e Lit. da Comp. Impressora.